

O desafio da construção de uma nova psicologia

Ana Mercês Bahia Bock*

RESUMO. O presente artigo tem como objetivo contribuir para a construção de uma nova Psicologia: uma Psicologia Sócio-histórica; faz isto analisando criticamente a noção de homem presente na Psicologia, noção esta baseada na concepção de natureza humana. O artigo apresenta alguns elementos que devem caracterizar esta nova Psicologia, dando ênfase à concepção de homem baseada na idéia de condição humana. Termina apontando algumas questões, para a Psicologia, a respeito do homem sob o Capitalismo.

Palavras-chave: Psicologia Social, condição humana, materialismo histórico.

A psicologia tem apresentado como objeto de estudo o psiquismo, a subjetividade ou o comportamento do homem. Sem consenso, clareza e definição precisa desses fenômenos, a disciplina vem desenvolvendo seu conhecimento a partir de uma *visão de homem*, que tem sido o "ponto 1" de nossas indagações.

Quem é o homem da psicologia?

Na psicologia, o homem é pensado; em geral, a partir da idéia de natureza humana, entendida como uma essência eterna e universal do homem.

Assim, o desenvolvimento, a personalidade e outros temas estudados pela psicologia denunciam essa visão, ao compreenderem o desenvolvimento humano como atualização de uma natureza já contida no indivíduo: semente de homem dá homem. Claro que as condições ambientais e sociais não são esquecidas, mas entram como complemento, como condições que facilitam ou dificultam o desabrochar da semente.

O homem, nesta visão, não é, porque não há a necessidade de ser, situado historicamente. E este homem que é, ao nosso ver, construção histórica e social, passa a ser visto como ser absoluto e universal. A concepção de "normalidade" referenda os valores sociais ali embutidos, e, mais do que isso, os torna "*naturais*".

A psicologia, ao estudar dessa forma o homem, faz um belo trabalho retórico de ocultamento das condições sociais que geram desigualdades e indivíduos atomizados, passando a fazer parte do aparato ideológico, que nos impede de enxergar e compreender a realidade social e, com ela, a realidade psíquica.

Esta visão de homem dominante na psicologia é decorrente do fato de esta ciência trabalhar, em geral, com a representação de homem inserido na sociedade; tem pensado o homem a partir de sua aparência, retratando sua forma social, porém invertida: o ser determinado surge como autônomo, e essa autonomia passa a ser o lema de toda a psicologia e objetivo do trabalho psicológico.

* Docente do Departamento de Psicologia Social e Diretora da Faculdade de Psicologia da PUC-SP; Mestre e doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP.

Deixamos, assim, de perceber que esta autonomia é mera aparência, é apenas a representação do homem.

Exemplos desse mecanismo de pensamento existem por toda a psicologia. Sem pretender fazer aqui um levantamento destes conteúdos, podemos citar dois momentos interessantes, já analisados por Charlot (1979).

Freud, ao postular que o desenvolvimento da sexualidade caminha para a sexualidade genital, não estava errado. Mas é preciso situá-lo na *história da construção do humano*, e aí veremos que a sexualidade genital foi valorizada socialmente, tornando-se critério de normalidade e, portanto, de direção para o desenvolvimento da sexualidade.

Nesse sentido, contrariamente ao que se afirma com facilidade um pouco excessiva, o comportamento sexual não é "natural", mas social. É uma forma socializada de resposta a uma pulsão biológica que é natural, mas que não recebe um conteúdo determinado senão sob uma forma social [...]. Os dados biológicos aos quais o homem é submetido não permitem, portanto, definir uma natureza humana, isto é, comportamentos ou características psicológicas especificamente humanos, portanto eternos, universais e independentes da realidade social. (Charlot, 1979:268-9)

Outro exemplo é o pensamento lógico formal como a última etapa do desenvolvimento cognitivo da criança, postulado por Piaget. Esse é o tipo de pensamento ou operação mental valorizado pela sociedade; retira-se daí, então, o critério de normalidade e a direção para o desenvolvimento cognitivo dos homens.

Mas é preciso ainda compreender que esse desenvolvimento, além de nada ter de inelutável, não tende "naturalmente" para a inteligência operatória formal [...]. Aí, onde a sociedade privilegia essa forma de inteligência [...] esta só aparece efetivamente no término do desenvolvimento descrito por Piaget [...]. Considerar essa forma de inteligência como estados de equilíbrio para os quais tende o desenvolvimento intelectual da criança não é trazer prejuízo para o rigor científico, pois efetivamente, em nossas sociedades, essa forma constitui norma de maturidade. Mas tratam-se, nesse caso, de normas sociais, que a psicologia da criança traduz, mas também reforça, dando-lhes um estatuto científico. (Charlot, 1979:228)

Uma nova psicologia

Uma nova psicologia precisa partir de uma nova concepção de homem e pretender-se uma crítica da representação, pois é pela crítica que se funda o conhecimento.

A crítica permite que se negue o que é negado na representação. É pensar pelo avesso. É pensar a construção do conhecimento como processo incessante. É sair das aparências, negando-as, para chegar ao concreto pensado.

E, como aqui se inicia o desafio que está no título do trabalho, optamos por apontar alguns aspectos, que, a nosso ver, devem caracterizar essa *Nova Psicologia*.

Não existe natureza humana

Existe uma *condição humana*: o homem tem necessidades, e por ser um ser inacabado, os comportamentos que satisfazem essas necessidades são *construídos*.

Suas necessidades são satisfeitas por condutas sociais. As exigências biológicas do homem são imediatamente socializadas. Assim, por exemplo, o comer e o comportamento sexual são formas socializadas de resposta a uma necessidade biológica.

O homem constrói as formas de satisfazer suas necessidades, e constrói essas formas através do trabalho coletivo na sociedade, isto é, junto com outros homens, através das relações humanas.

Assim, o homem é construído pelo próprio homem, diferentemente da idéia de desenvolvimento do *Homem* como atualização de caracteres absolutos da *natureza humana*.

É preciso compreender o homem como ser social.

O indivíduo como mediador da sociedade

Entendendo-se mediação como uma relação de identidade e oposição entre dois pólos, em que um expressa o outro, mas um não é o outro, e entendendo-se que nessa relação o todo se encarna em suas mediações particulares, a relação indivíduo/sociedade passa a ser vista como uma relação de mediação.

O homem coloca-se nos objetos que cria (mas não é os objetos). Os objetos expressam o que o homem é, e o indivíduo vai se constituindo pelo mundo de objetos – cultural – que cria e que o transforma.

O homem, ao manipular o meio para garantir sua sobrevivência, cria cultura material e intelectual. A essa manipulação intencional do meio para produzir sobrevivência chamamos trabalho.

No resultado do trabalho humano está o homem. Nos objetos do mundo humano estão cristalizadas as possibilidades humanas. O mundo objetivo contém a “alma” humana.

“Cada indivíduo aprende a ser um homem...” (Leontiev, 1978:267)

Cada geração começa sua vida num mundo de objetos e fenômenos criados pelas gerações anteriores. O homem se apropria dessa “humanidade” participando e atuando sobre esse mundo objetivo. Com essa apropriação, desenvolve as aptidões e os caracteres humanos. Esta apropriação se dá através da atividade, que reproduz os traços essenciais da atividade encarnada no objeto, e essa relação com o objeto é inserida num contexto de relações sociais e de comunicação (mediadas pela linguagem), que permite ao homem se apropriar de todo conjunto de significações construídas pela sociedade.

A relação homem/sociedade é, portanto, uma relação de mediação, onde o homem tem uma essência objetiva e a sociedade uma essência subjetiva. A sociedade está entranhada nos homens, e o homem é um ser social, isto é, sua humanidade se constrói na sociedade.

No capitalismo, o homem é agente do capital

O capitalismo, enquanto forma econômica básica de nossa sociedade, tem sua influência nos indivíduos. Ao estudarmos e compreendermos a categoria mercadoria, tal como foi analisada por Marx, em *O capital*, imediatamente podemos iniciar uma reflexão sobre as consequências da mercantilização de todos os objetos, sob o capital, no desenvolvimento de valores sociais. As determinações dos indivíduos virão das determinações próprias das mercadorias, em especial da mercadoria dinheiro. Em nossa sociedade, é forte e poderoso o indivíduo que possui mercadorias. Não ter é não ser, pois quando não temos, somos privados da possibilidade de nos objetivarmos.

No capitalismo, as relações de dominação e exploração estão ocultas por detrás de relações sociais entre produtores, enquanto portadores de mercadorias.

O indivíduo, sob o capital, é mediador, agente do capital. Tem suas vontades determinadas econômica e socialmente pelas vontades e necessidades do capital. Apesar de tudo levar a crer que o indivíduo é guiado por sua própria vontade e por suas necessidades, é possível perceber que ele é conduzido pela vontade do capital, quando se desvenda a lógica do capitalismo. Nossas necessidades estão subordinadas ao processo mercantil de gerar lucro, de acumular capital.

O indivíduo é, assim, agente de produção e de circulação das mercadorias, tornando-se nesse processo também uma mercadoria.

Somos personagens que encarnam as vontades do capital. Ele se objetiva no indivíduo, e o indivíduo se "dessubjetiva", pois é personificação do capital. O homem torna-se agente de forças externas. Há uma redução do indivíduo sob o capital. A consciência do indivíduo torna-se reificada, porque não enxerga a totalidade do real, ocultada pela mercadoria. A aparência de autonomia, liberdade e vontade própria, e mesmo de subjetividade, presentes na psicologia, são representações, que contribuem muito nesse processo de ocultamento.

É preciso compreender o indivíduo, nosso objeto de estudo na psicologia, sob o capital, isto é, sem o descolarmos da realidade social onde está inserido e onde se desenvolve.

Assim, consideramos que a psicologia tem, efetivamente, como objeto de estudo, o *indivíduo e seu mundo psíquico*, mundo que tem a forma, o conteúdo e todas as expressões construídas de maneira singular sob o capital.

Que homem é esse, o do capitalismo? Que homem é esse, na sua concretude histórica?

Alguns autores têm discutido o indivíduo sob o capital, considerando que esse momento do homem é a sua pré-história, a pré-história da individualidade, chegando a afirmar que a busca de uma *Nova Psicologia* marxista é um malogro, pois o indivíduo pertence ao futuro (claro que socialista!). Essa forma de abordar o tema, a meu ver, corre o risco de incorrer no mesmo erro que vimos apontando na crítica à psicologia: a pressuposição de uma natureza humana.

Ao analisar o homem sob o capital e compreender esse momento como a pré-história da individualidade, essas abordagens consideram que o indivíduo, sob o capital, se torna estranho a si mesmo, outro que não aquele que poderia ser ou virá a ser. Não é preciso definir uma essência humana para falar em pré-história da individualidade? Parece-nos que corremos o sério risco de estar construindo dentro do marxismo, e em nome dele, uma imagem do homem que é expressão da essência eterna autêntica da humanidade. Há um homem a ser presentificado, e o capitalismo o tem impedido: essa parece ser a idéia central dessas posições teóricas.

É indiscutível que precisamos definir o homem, a cultura e a sociedade que queremos promover, mas, para não cairmos na ideologia, é preciso assumir essas definições como socialmente determinadas, e não metafisicamente. "O conteúdo da idéia de homem e de cultura pode variar, e varia efetivamente com as opções políticas [...]. O homem não se define por considerações metafísicas sobre a natureza humana, mas por um projeto político de sociedade." (Charlot, 1979:266-7)

Acreditarmos, portanto, que o homem do capitalismo não é o que queremos, é diferente de abandonar esse homem como objeto de estudo. É preciso assumirmos uma psicologia crítica, crítica do homem sob o capital, desvendando a coisificação do sujeito.

A dialética, como lógica do objeto que se impõe e exige uma forma crítica de abordá-lo, deve ser nossa aliada nesse trajeto. É preciso conhecer o indivíduo tal como ele está se constituindo sob o capital, para que nosso conhecimento crítico sobre o indivíduo seja um conhecimento crítico sobre a sociedade que o constitui.

Esse conhecimento deve surgir do trabalho de desvelamento do objeto e não da comparação da forma como se constitui com a forma ideal que possamos ter em mente, pois esse homem ideal poderá ou não surgir, mas, com certeza, uma nova ordem econômica será a base de sua construção. O homem ideal deve ser uma referência utópica para a crítica da ordem econômica atual – crítica ao homem constituído no capitalismo, denotando a possibilidade de mudança –, mas não deverá ser tomado como a natureza humana não atualizada sob e por impedimento do capital.

Enfim, cabe à psicologia encontrar, pela dialética, uma teoria crítica sobre o homem no capitalismo, isto é, *compreender o homem a partir de suas determi-*

nações essenciais sob o capital, determinações ocultas pelas representações e pelo empírico, que têm sido tomados como a verdade sobre o homem.

Não há como negar que esta tarefa é *um desafio*! Mas desafios existem para serem enfrentados, ou melhor, só se constituem como desafios quando alguém se dispõe a enfrentá-los.

Referências bibliográficas

CHARLOT, B. *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa, Horizonte Universitário, 1978.

Bibliografia

CARONE, I. De Frankfurt à Budapeste: os paradoxos de uma psicologia de base marxista. *Revista de Psicologia*, 2(1/2):111-20. São Paulo, USP, 1991.

CROCHIK, J. L. Notas sobre a relação ética-psicologia. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*, ano 12, nº 2. Brasília, CFP, 1992.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE/CODO (org). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

LANE, S. T. M. *Uma psicologia social baseada no materialismo histórico e dialético: da emoção ao inconsciente*. São Paulo (mimeo).

MARX, K. *O capital*. Livro primeiro, volume I, capítulos I, II, III e IV. São Paulo, Difel, 1982.